

## TECNOLOGIAS DIGITAIS E SEUS IMPACTOS NA CONSTITUIÇÃO DA INFÂNCIA: REFLEXÕES TEÓRICO-CRÍTICAS

Tatiani Pereira Rodrigues<sup>1</sup>

Roselaine Ripa<sup>2</sup>

**Resumo:** Na atualidade, o acesso à informação, de forma fácil e rápida devido aos avanços das tecnologias digitais, tem provocado mudanças em diversas áreas do conhecimento, gerando impacto na formação das crianças e no processo educativo. Diante desse cenário, este artigo tem como objetivo discutir as influências das tecnologias digitais na constituição da infância sob o olhar da Teoria Crítica da Sociedade. Para alcançar este objetivo utilizaremos estudos de alguns teóricos críticos e, em especial, a obra “O Desaparecimento da Infância”, de Neil Postman (1999), na qual o autor apresenta a infância como uma categoria social historicamente construída, sujeita a mudanças com o passar do tempo. Esperamos, assim, contribuir com os estudos sobre como a relação da criança com o mundo e com os adultos vem se modificando na atualidade, e seus impactos nos processos educativos.

**Palavras-chave:** Infância; Neil Postman; Tecnologias Digitais.

## DIGITAL TECHNOLOGIES AND THEIR IMPACTS ON THE CONSTITUTION OF CHILDHOOD: CRITICAL-THEORETICAL REFLECTIONS

**Abstract:** Nowadays, the easy and quick way to access information, due to the advances in digital technologies, has caused changes in several areas of knowledge. Thus, this process impacts the formation of children and the educational process. Given this scenario, this article aims to discuss the influences of digital technologies on the constitution of childhood from the perspective of Critical Theory of Society. To achieve this goal we will use studies by some critical theorists, such as Neil Postman (1999), in the work "The Disappearance of Childhood", in which the author presents childhood as a historically constructed social category, subject to change over time. We hope to contribute to the studies on how the child's relationship with the world and with adults has been changing lately, and its impacts on the educational processes.

**Keywords:** Childhood; Neil Postman; Digital Technologies.

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela UDESC. E-mail: tatianipereirarodrigues@hotmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Educação. Professora Associada na UDESC. E-mail: roselaineripa@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta um estudo sobre os impactos que as tecnologias digitais de informação e comunicação exercem sobre o processo de formação das crianças e as concepções de infância, a partir de estudos do livro “O Desaparecimento da Infância”, de Neil Postman (1999) e obras de Theodor W. Adorno.

Adorno foi um pensador teórico crítico, nascido em 1903, que integrou a chamada Escola de Frankfurt. O autor levanta reflexões significativas para pensarmos sobre a organização da sociedade atual, administrada pela *Indústria Cultural*, termo que ele mesmo elabora para representar a produção de uma cultura massificada que reforça as relações de poder nela existentes. Explicando melhor, o termo *Indústria cultural* foi utilizado pela primeira vez no livro “Dialética do Esclarecimento”, de Theodor Adorno e Max Horkheimer (1985), e se refere a produção de uma cultura generalizada e massificada que serve de ferramenta para validar a dominação de indivíduos que estão no poder, ou seja, para manter as relações de poder existentes no nosso contexto social. Adorno (1985) também destaca em seus escritos questões fundamentais sobre o desenvolvimento tecnológico e como isso impacta na formação das pessoas, apresentando conceitos para compreendermos o esfacelamento da *Bildung*, tal como semiformação. Adorno também indica a importância de uma educação emancipatória que tenha como propósito a luta contra a barbárie.

A obra “O Desaparecimento da Infância” (POSTMAN, 1999) traz um panorama geral do surgimento da ideia de infância até o que o autor denomina de seu “desaparecimento”. Neil Postman (1931-2003) foi um educador estadunidense e estudioso de temas como educação e mídia, que atuou como diretor do Departamento de Comunicação da Universidade de Nova Iorque. Em suas obras encontramos debates sobre o desenvolvimento da tecnologia e seus efeitos sobre sociedade, possibilitando tecer relações com a obra de Adorno, em especial sobre como o avanço tecnológico afeta a educação.

Este artigo tem como objetivo geral discutir as influências das tecnologias digitais na constituição da infância sob o olhar de alguns autores da Teoria Crítica da Sociedade. Nesse sentido, o trabalho foi realizado seguindo os princípios de uma

pesquisa bibliográfica. Fonseca (2002), no livro “Metodologia da pesquisa científica”, define que a pesquisa bibliográfica “[...] é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas de web sites.” (FONSECA, 2002, p. 31). No caso desta pesquisa, partimos dos estudos da obra o “O Desaparecimento da Infância” (POSTMAN, 1999) e elegemos outras para nos ajudar na discussão teórica que será apresentada nas próximas seções e abordarão a construção histórica da infância e as contribuições da Teoria Crítica para pensar os impactos das tecnologias digitais para a constituição da infância.

Para que seja possível assegurar uma educação que mantenha os direitos das crianças, precisamos levar em consideração o contexto em que elas vivem dentro e fora da escola e o acesso às informações por meio das tecnologias digitais que estão surgindo. Nesse trabalho, pretende-se, portanto, refletir sobre os impactos que as tecnologias digitais exercem sobre a infância e, ao mesmo tempo, compreender a infância como um conceito construído historicamente, que está suscetível a transformações.

Dessa forma, torna-se possível pensar em possibilidades para lidar melhor com as mudanças que estamos vivendo, ainda mais em um contexto pandêmico, entendendo a necessidade de uma educação emancipatória que assegure os direitos das crianças e a importância do processo educativo social, bem como respeite a temporalidade necessária para que todas as crianças tenham experiências significativas.

## **A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA INFÂNCIA**

A criança, atualmente, é entendida como sujeito de direito e produtora de cultura, estando livre para brincar, desejar, fantasiar, imaginar, observar, sonhar, narrar e questionar. Podemos referenciar Sarmiento (2008), que em seu texto “Sociologia da infância: correntes e confluências”, apresenta o surgimento dessa nova perspectiva, na qual as crianças são vistas como atores sociais e tem a infância como

uma categoria social. Segundo o autor, a “nova” sociologia da infância - uma sociologia que estuda a sociedade a partir da infância - começou a ganhar maior expressão nas últimas duas décadas, pois, até então, as crianças eram percebidas como “mini” seres humanos incompletos, ou seja, como seres em transição para a vida adulta. Sarmiento (2008) entende, assim, a infância como uma construção social que foi historicamente consolidada.

Para nos aproximar dos estudos sobre a infância buscamos conhecer o desenvolvimento histórico desse conceito, a partir das definições de Philippe Ariès (1981), que foi o precursor dos estudos sobre a infância e é uma das principais referências acadêmicas sobre este assunto. Ariès (1981) analisou imagens e obras de arte que apresentavam crianças para compor seus estudos sobre a infância, que resultou na sua compreensão como construção social e uma invenção da modernidade.

O que Ariès quis dizer com a sua afirmação de que a infância foi uma invenção da modernidade, é que a infância que conhecemos hoje foi uma criação de um tempo histórico e de condições socioculturais determinadas, sendo um erro querer analisar todas as infâncias e todas as crianças com o mesmo referencial. A partir disso, podemos considerar que a infância muda com o tempo e com os diferentes contextos sociais, econômicos, geográficos, e até mesmo com as peculiaridades individuais. Portanto, as crianças de hoje não são exatamente iguais às do século passado, nem serão idênticas às que virão nos próximos séculos. (FROTA, 2007, p. 06).

Assim, baseado nos seus estudos, podemos afirmar que as concepções de infância mudaram de acordo com a política, cultura e economia de momentos históricos diferentes. Para Ariès, portanto, a ideia que temos hoje de infância nasceu a partir de um processo histórico, não sendo algo natural do ser humano.

Cardoso (2011) analisa diversos autores que estudam a constituição da infância, entre eles Ariès, que faz uma análise histórica de como os adultos percebiam a infância, principalmente entre os séculos XII e XVII. O autor destaca que, na idade média, uma vez que as crianças eram consideradas incapazes de agir de forma “racional” igual aos adultos, tendo dificuldade na fala, por exemplo, a infância era entendida como um tempo de “irracionalidade”, sendo assim um período da vida que deveria ser rapidamente superado. Neste período não existia o que chamamos de “um

sentimento” ligado à infância, pois as crianças eram vistas como miniadultos, que eram separados dos adultos apenas por algumas diferentes características biológicas, não havendo distinção entre atividades e conteúdos infantis/adultos. Por consequência, Áries (1981) chama atenção para as altas taxas de mortalidade infantil na sociedade medieval, que eram consideradas normais.

Ao discorrer sobre a obra de Áries (1981), a autora destaca que o movimento religioso, por volta do século XIV, passou a associar a imagem das crianças à de anjos, o que iniciou um processo de trazer um olhar diferente para a infância (CARDOSO, 2011). No século XVII, com a melhoria das condições de higiene e a diminuição da mortalidade infantil, passou a ser tarefa das mulheres o cuidado especial com as crianças pequenas.

A partir daí, foram ocorrendo mudanças nessa visão mística da criança, bem como na organização das famílias. A criança adquire, então, um novo espaço: passa a ser educada pela própria família e se torna o centro das atenções familiares. Surge, assim, um novo sentimento atribuído à infância, que Ariès (1981) chamou de *paparicação*. (CARDOSO, 2011, p. 61, grifos da autora).

Com isso, passa a ser prazeroso para os adultos passarem mais tempo com as crianças, sendo elas consideradas por alguns deles uma espécie de “brinquedo” (CARDOSO, 2011).

Com o surgimento das instituições educacionais, a autora destaca que a ideia da particularidade da criança passa a ser moral e social, ou seja, com as mudanças sociais que vão ocorrendo na Idade Moderna, a criança passa a ocupar o centro das famílias, levando ao fortalecimento dos laços entre pais e filhos (CARDOSO, 2011).

É nesse sentido que Ariès (1981) destaca o início da concepção de infância, de fato, no século XIX, pois é a partir deste momento que a criança passa a exercer um papel na sociedade - “o papel de criança” - sendo vista como um indivíduo com suas particularidades. Foi com o aparecimento do “sentimento de infância” que os adultos começaram a se preocupar com os direitos das crianças, ou seja, quando elas passaram a fazer parte do núcleo familiar e os adultos a se preocupar com a sua saúde e educação.

Com seus estudos, ao resgatar historicamente as percepções sobre as crianças ao longo dos anos, Áries (1981) mudou a forma de pensar a infância, que por muito tempo foi entendida como algo natural ao ser humano. Neil Postman (1999) também acreditava na infância enquanto um conceito construído historicamente, tendo sentidos diferentes ao longo da história, pois as mudanças no contexto social, político, econômico e cultural, por exemplo, afetaram diretamente a ideia que se tem da infância.

Postman (1999) avança nessa discussão da infância ao analisar o processo de formação humana (especialmente o infantil) com a tecnologia. Baseado no contexto contemporâneo em que viveu, o autor aborda também a “adultização” das crianças. Sua principal obra “O Desaparecimento da Infância” é dividida em duas partes. Na primeira, intitulada “Invenção da Infância”, o autor faz uma retrospectiva histórica apontando os diferentes conceitos de infância ao longo do tempo até chegar no que conhecemos hoje: um sujeito de direitos e um ator social, produtor de cultura. A segunda parte, que possui o mesmo nome do livro, fala sobre o seu desaparecimento, apontando alguns aspectos da nossa sociedade atual que levam a perda de uma distinção clara entre crianças e adultos.

Postman (1999) inicia o livro apontando que apesar de a criança, como categoria biológica, sempre tenha existido, o sentimento de infância como um tempo de especificidades e direitos, tal que conhecemos hoje, foi algo que surgiu ao longo da história. Para o autor, foram os gregos os primeiros a conceber a ideia de infância, ainda que bastante inicial, mas alerta que não foram eles os criadores do conceito de infância, apesar da preocupação com as escolas e com a educação que tinham. Foram os romanos, segundo Postman (1999), que definiram a infância de maneira mais próxima da que conhecemos hoje, ao criarem o conceito, que é indispensável quando tratamos deste assunto, de *vergonha moralista*. Ao trazer a ideia de que existem assuntos que só podem ser tratados em momentos e ambientes adequados, e com as pessoas adequadas, surge o entendimento de que a criança deveria ser afastada (preservada) de certos assuntos e segredos do mundo dos adultos. Nesse contexto é, portanto, a ideia de vergonha que define a separação entre o mundo adulto e o mundo infantil, conteúdos adultos e conteúdos infantis, compreendendo que

existem assuntos que são impróprios para determinada faixa etária e que as crianças não estão preparadas para lidar com eles.

O fim do império romano trouxe consigo também o fim da cultura clássica e a Europa ingressou na chamada “idade das trevas”, que foi seguida pela idade média, ocasionando o fim do que até então era entendido como infância. De acordo com Postman “[...] a falta de alfabetização, a falta do conceito de educação, a falta do conceito de vergonha – estas são as razões pelas quais o conceito de infância não existiu no mundo medieval.” (POSTMAN, 1999, p. 31). Nesse recorte histórico, os conteúdos voltaram a ser aprendidos, passados e discutidos oralmente e, por isso, as crianças que já dominavam a oralidade eram plenamente capazes de compreender o que os adultos diziam. Podemos aqui destacar que, apesar de terem os recursos de “falar escondido” ou cochichar sobre assuntos mais privados, tendo ainda um certo controle sobre os conteúdos ditos, houve de fato uma maior proximidade entre os adultos e as crianças, por não ser necessário nada além da oralidade para decifrar os conteúdos. Postman (1999) aponta que uma sociedade não letrada aproxima o “indivíduo criança” do “indivíduo adulto”, ou seja, uma comunidade que desenvolve a leitura e a escrita, desenha uma linha divisória clara entre os que sabem dos que não sabem ler.

Ao concordar com Rousseau, Postman (1999, p. 27, grifos do autor) afirma que

[...] a leitura é o fim da infância *permanente* e que ela destrói a psicologia e a sociologia da oralidade. Visto que torna possível entrar num mundo de conhecimento não observável e abstrato, a leitura cria uma separação entre os que podem e os que não podem ler. A leitura é o flagelo da infância porque, em certo sentido, cria a idade adulta.

Assim, em uma sociedade letrada, as crianças não terão acesso a todos os tipos de informações a qualquer momento, pois para isso precisarão desenvolver sua capacidade de leitura. Nesse sentido, é necessário que a criança atinja a fase adulta, que ela passe por um processo formativo de educação, aprendendo aos poucos a decifrar o mundo adulto ao passo que ingressa nele, e só depois disso terá contato com determinadas manifestações culturais.

Avançando mais na história, o autor apresenta a invenção da tipografia, no início da idade moderna, século XVI, como outro momento importante, pois com seu surgimento também foi criado o livro impresso, aumentando o contato das pessoas com a literatura, popularizando assim a escrita e a alfabetização. Neste momento histórico, portanto, foi possível precisar uma separação entre os adultos e as crianças, com base na capacidade ou não de ler, concebendo assim um novo conceito de infância.

Para entrar no mundo adulto os mais jovens precisavam aprender a desvendar o alfabeto, para assim ler e escrever, e foi nesse contexto que a Europa reinventou as escolas.

A cultura livresca [...] criou outro monopólio de conhecimento - desta vez separando crianças e adultos. Um adulto completamente alfabetizado tinha acesso a todas as informações profanas e sagradas contidas nos livros [...] as crianças, na maioria dos casos, não tinham. Por isso é que eram crianças. E, por isso, eram obrigadas a ir para a escola. (POSTMAN, 1999, p. 90).

Aqui o autor evidencia que a infância e a escola são dois conceitos que vão sendo entrelaçados ao longo do tempo histórico, sendo um diretamente ligado ao outro.

Nos anos que se seguiram, a segregação entre adultos e crianças começou a ficar mais evidente, com a produção de roupas, músicas, filmes e livros especialmente destinados ao público infantil, o que ocasionou no surgimento de uma linguagem própria para se comunicar com as crianças. Ao tratar sobre as mudanças sofridas pela infância a partir do século XVII, Cardoso (2011) destaca que

A infância passa a ter sentidos e significados distintos para pessoas, épocas e costumes, também distintos. Conforme as mudanças no cenário político, religioso, econômico e intelectual a infância ganha um aspecto peculiar, característico da época. Em alguns momentos houve um enriquecimento da infância, em outros uma infância negligenciada, porém todos apresentavam uma particularidade com relação à infância, mesmo que em alguns casos, quase extinta. (CARDOSO, 2011, p. 68).

Postman (1999) aborda ainda a questão da infância entre os anos de 1850 e 1950, direcionando seus apontamentos especialmente nos Estados Unidos. Ele relata que em 1850 a infância estava no seu auge, pois havia sido conquistada a



permanência das crianças na escola e sua exclusão do mercado de trabalho, elaborando leis próprias para ampará-las, tornando a infância um direito de todos, independente de posição social. O autor denomina esse período de “fascinante ironia”, pois “durante esse mesmo período, a ambiência simbólica que deu vida à infância começou a ser desmontada vagarosa e imperceptivelmente” (POSTMAN, 1999, p.81-82). A partir disto o autor apresenta sua tese do “desaparecimento da infância”, que compõe a segunda parte da obra.

## A (DES)CONSTRUÇÃO DA INFÂNCIA NA ERA DIGITAL

Postman (1999), na segunda parte de seu livro, ao tratar do “desaparecimento da infância”, indica o Professor Samuel Morse, inventor do telégrafo em 1835, como “pai desta era sem crianças”, por ter sido a primeira pessoa a enviar uma mensagem elétrica. Postman (1999), obviamente, não culpabiliza Morse por ter começado o processo de “desaparecimento da infância”. Mas aponta que foi a partir de sua invenção - a transmissão de uma mensagem numa velocidade maior que a do corpo humano - que iniciou um movimento de transmissões de informações de forma global, impessoal e de certa maneira incontrolável.

A infância, como tentei mostrar, foi o fruto de um ambiente em que uma forma especial de informação, exclusivamente controlada por adultos, tornou-se pouco a pouco disponível para as crianças por meio considerados psicologicamente assimiláveis. A subsistência da infância dependia dos princípios da informação controlada e da aprendizagem sequencial. Mas o telégrafo iniciou o processo de extorquir do lar e da escola o controle da informação. Alterou o tipo de informação a que as crianças podiam ter acesso, sua qualidade e sua quantidade, sua sequência, e as suas circunstâncias em que seria vivenciada. (POSTMAN, 1999, p. 86).

Com isso em mente, vale destacar que o telégrafo foi apenas um marco do “início do fim”, podendo ser considerado como um “prenúncio” do que ainda estava por vir. O autor escolheu o ano de 1950 como um ponto marcante para tratar do desaparecimento da infância, pois foi o momento em que as televisões passaram a ser um eletrodoméstico popular nas casas americanas, participando da vida cotidiana das pessoas, o que resultou em uma revolução nas tecnologias eletrônicas e gráficas.

De acordo com Postman (1999), a televisão não distingue a idade de quem a assiste, afinal, as informações por ela propagadas são de fácil acessibilidade não tendo distinção entre seus telespectadores e as mensagens transmitidas por meio de sons e imagens. Enquanto o som ainda possui algum tipo de barreira para se compreender, pois é necessário que se domine a linguagem que está sendo transmitida, a imagem transmite mensagens sem a necessidade de nenhum conhecimento prévio, o que torna a TV acessível a todos<sup>3</sup>. Assim, pode-se dizer que não é preciso que o indivíduo aprenda a linguagem televisiva para compreendê-la, afinal qualquer pessoa, independente de idade, consegue compreender, em algum grau, o que está “passando na TV” apenas ao ficar sentada na frente da tela, sem que se faça grandes esforços para isso.

Como vimos anteriormente, na idade média, quando as informações e conhecimentos eram passados oralmente, os adultos ao menos possuíam lugares privados para conversar ou a capacidade de sussurrar para controlar os que receberiam as mensagens. Porém, a televisão e as outras mídias digitais não têm essa possibilidade, pois todo tipo de assunto é passado abertamente na televisão para todos que estiverem assistindo, sem que haja controle sobre quem receberá esses conteúdos. Em relação a isso, vale ressaltar que é a televisão que quebra a barreira entre a criança e o adulto, e não devemos simplesmente culpabilizar os usuários “[...] é o caráter do veículo, não o caráter dos usuários do veículo que produz o adulto-criança” (POSTMAN, 1999, p. 127).

É importante também destacar que a televisão é acusada de negar às famílias e às escolas o controle sobre quais tipos de conteúdo são apresentados às crianças,

---

<sup>3</sup> A Portaria nº 310, de 27 de junho de 2006, do Ministério das Comunicações, aprova a exigência de “Recursos de acessibilidade, para pessoas com deficiência, na programação veiculada nos serviços de radiodifusão de sons e imagens e de retransmissão de televisão”. Apresentando recursos que podem ser utilizados para garantir os acessos das pessoas com deficiência e trazendo definições, como por exemplo, “Legenda Oculta: corresponde a transcrição, em língua portuguesa, dos diálogos, efeitos sonoros, sons do ambiente e demais informações que não poderiam ser percebidos ou compreendidos por pessoas com deficiência auditiva [...] Audiodescrição: é a narração, em língua portuguesa, integrada ao som original da obra audiovisual, contendo descrições de sons e elementos visuais e quaisquer informações adicionais que sejam relevantes para possibilitar a melhor compreensão desta por pessoas com deficiência visual e intelectual [...] Janela de LIBRAS: espaço delimitado no vídeo onde as informações são interpretadas na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)” (BRASIL, 2006, s.p.)

apoderando-se da responsabilidade de apresentar conhecimento aos mais jovens, “Com a televisão, contudo, a base de hierarquia da informação desmorona” (POSTMAN,1999, p. 92). Dessa forma, contribui para apagar da criança a sua inocência, fazendo-a conhecer e ter contato com assuntos que são inadequados à sua idade, tornando difícil afastar os mais novos de conteúdos violentos, sexuais e do consumo como símbolo de felicidade. A televisão, assim, tem a capacidade de induzir a criança a acreditar no que ela deseja, sendo isto as “vontades” da Indústria Cultural, que está por trás dos meios tecnológicos.

Postman (1999) mostra, portanto, que as crianças são expostas ao mundo adulto antes de se tornarem adultas, e os adultos são apresentados a tantos conteúdos que acabam escolhendo um tipo de conhecimento mais simplificado. Para ambos, a exposição de conteúdos simplificados, superficiais e imediatos, por meio das tecnologias, tendem a inibir a reflexão e não oferecerem tempo para que haja uma discussão. Isso tudo nos leva a um contexto em que encontramos crianças adultizadas e adultos infantilizados.

Podemos entender melhor a influência da televisão sobre a infância, assim como das demais tecnologias digitais, quando as colocamos num panorama histórico,

Assim como a alfabetização fonética alterou as predisposições da mente em Atenas no século cinco a.c., assim como o desaparecimento da alfabetização social no século cinco d.c ajudou a criar a mente medieval, assim como a tipografia aumentou a complexidade do pensamento - na verdade mudou o conteúdo da mente - no século dezesseis, assim também a televisão tornou para nós desnecessário distinguir a criança do adulto. Pois é de sua natureza homogeneizar mentes. (POSTMAN,1999, p. 132).

Esse trecho retirado do livro “Desaparecimento da Infância” de certa forma resume o que vem sendo dissertado neste trabalho: a importância de olharmos para o passado e percebermos momentos e fatores históricos que transformaram a concepção de infância, para a partir deles enxergar as transformações que estão acontecendo na atualidade. Não se trata de simplesmente condenar as tecnologias digitais, mas trazer um questionamento crítico sobre as suas influências e efeitos na sociedade, identificando as suas “limitações”, apresentando aqui um olhar mais focado na infância.

## AS CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA CRÍTICA PARA PENSAR OS IMPACTOS DAS TECNOLOGIAS PARA A CONSTITUIÇÃO DA INFÂNCIA

A partir deste panorama proposto por Postman (1999) podemos ampliar a discussão trazendo outros teóricos críticos para analisar os impactos da tecnologia digital na formação dos indivíduos, pois a partir delas passamos a ter contato com uma quantidade surpreendente de conteúdos em apenas alguns segundos, apresentados de forma cada vez mais simplificada, muitas vezes sem ter distinção de idade. Para refletirmos melhor acerca das implicações desse grande fluxo de informações instantâneas, algumas vezes transmitidas de forma anônima e descontextualizada, destacamos dois conceitos importantes: semiformação (ADORNO, 2010) e aprendizagem turbo (ZUIN, 2011).

Em seu texto "Copiar, colar e deletar: a Internet e a atualidade da semiformação", Zuin (2013) disserta sobre como é cada vez mais difícil, na sociedade das tecnologias digitais, a sobrevivência da *formação cultural*. O autor diz que

na medida em que o modo de produção capitalista demonstrava que sua sobrevivência e seu desenvolvimento se nutriam das desigualdades e da injustiça sociais, gradativamente a formação cultural se converteu naquilo que Adorno denominou como "semiformação cultural" (ZUIN, 2013, p. 146).

Os conceitos de formação (*Bildung*) e semiformação (*Halbbildung*) elaborados por Adorno (2010) podem ser explicados da seguinte maneira: *Bildung* se refere a uma formação num sentido mais amplo, que vai além de algo acadêmico, que se refere à cultura, educação e esclarecimento; *Halbbildung* refere-se à condição na qual os indivíduos da nossa sociedade estão inseridos, na qual não conseguem se constituir como sujeitos através da realização de experiências significativas e constituem-se a partir da recepção de informações e conteúdos que lhe são apresentados de maneira superficial. Para este autor frankfurtiano, vivemos em uma sociedade constituída por indivíduos *semiformados* e, para ele, o tempo e a memória são fatores que precisam ser analisados nesse contexto.

Em relação ao tempo, tendo em vista a realidade atual em que nos encontramos, cercados pela tecnologia e sendo apresentados a uma enorme

quantidade de conteúdos numa altíssima velocidade, fica mais complexo para as pessoas relacionarem e questionarem as informações, dificultando, assim, a compreensão e produção de novos conceitos, que façam sentido de acordo com cada indivíduo. O sujeito semiformado justifica a sua falta de aprofundamento em determinados assuntos, na falta de tempo para conseguir se envolver mais com eles.

Pensando nisso, surge a ideia de *aprendizagem turbo*, apresentada por Zuin (2011). Como o próprio nome sugere, refere-se à realidade tecnológica em que estamos inseridos, na qual as informações são disponibilizadas em grande quantidade, em alta velocidade e de fácil acesso. Ela é problematizada quando pensamos na falta de tempo para processar, refletir e experimentar os novos conteúdos para de fato produzir conhecimento. Este novo modo de adquirir informações não respeita a temporalidade do processo de ensino-aprendizagem, pois esse turbilhão de informações é algo que nunca foi experimentado com tanta intensidade pelos indivíduos, sendo difícil mensurar seus resultados no desenvolvimento dos indivíduos. Além disso, estamos diante de informações nem sempre corretas, de notícias falsas e teorias da conspiração.

Pensando no contexto atual das creches e pré-escolas, o currículo de muitas instituições de Educação Infantil<sup>4</sup>, etapa inicial da Educação Básica, tem sido cada vez mais fragmentado em “aulas” temáticas, com tempo cronometrado e distanciado do tempo do brincar, que passa a ocupar também um tempo-espço limitado. Além disso, fora do período escolar, muitas crianças cumprem uma rotina frenética para dar conta das outras atividades: de esportes, de dança, de língua estrangeira etc. Um outro exemplo é sobre o uso que as crianças têm feito dos *smartphones*: ainda ficamos pasmos ao notarmos a agilidade dos “dedinhos” de crianças de pouca idade ao navegar nos aplicativos.

---

<sup>4</sup> Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010, p. 12), Educação Infantil se define como a “primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social”

Em relação à memória, nossa discussão não se limita a uma memorização temporária utilizada em algumas abordagens tecnicistas, mas sim na ideia de absorver de fato os conteúdos, interrelacionando-os e atribuindo a eles novos significados que façam sentido para a vida de quem o está estudando.

Steiner (2005, p. 46-47), em seu texto “lições dos mestres”, diz que “num sentido mais simples, o que sabemos de cor (no coração) amadurecerá e se desdobrará dentro de nós [...] Quantos mais fortes forem os músculos da memória, mais bem guardada estará a integridade do nosso eu.” Ao longo dos anos a palavra decorar perdeu o seu sentido original, que seria guardar algo na memória e, assim, no coração, aprendendo algo que faça sentido e tenha um significado que sirva para um enriquecimento pessoal. Tal ação passa a ser considerada sinônimo de lembrar informações de maneira mecânica temporariamente, para ser aprovado em uma prova, por exemplo, ou para compor uma apresentação numa data comemorativa, algo ainda comum na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, mas que muitas vezes não faz sentido nenhum para a criança.

O decorar, sem o sentido original da palavra, não tem como finalidade o engrandecimento do indivíduo, a exaltação desta “forma de aprender” e acaba por alimentar cada vez mais a manutenção desta sociedade instrumentalizada, industrializada e esvaziada de pensamento crítico, que busca de todo modo formar pessoas que apenas reproduzem ações e ideias sem questioná-las, mantendo a sociedade estruturada da mesma maneira. Uma educação emancipatória poderia contribuir para quebrar com esse ciclo e ajudar na transformação da sociedade para que prevaleça a formação cultural (*Bildung*).

Nesse sentido, indivíduos semiformados são sujeitos que também possuem sua capacidade mnemônica fragilizada, ou seja, o desenvolvimento da capacidade mnemônica está presente no processo de desenvolvimento da nossa consciência, estando ligado também ao nosso processo de desenvolvimento cultural e civilizatório. Com o enfraquecimento desta capacidade e o apagamento da memória, a sociedade esquece o que aconteceu ao longo da sua história e, com isso, corremos o risco de repetirmos os erros do passado, possibilitando com que ocorra a reincidência da barbárie (ADORNO, 2003).

Pensando sobre estes conceitos apresentados, é interessante retomar a seguinte fala de Postman (1999, p. 158): "A infância é análoga ao aprendizado da linguagem. Tem uma base biológica, mas não pode se concretizar a menos que um ambiente social a ative e alimente, isto é, tenha necessidade dela". Entendemos, assim, conforme já mencionado, que a infância não é uma necessidade natural e biológica, e sim um conceito social. Para que ela exista se faz necessário a segregação entre o mundo da criança e do adulto e, ao mesmo tempo, que os meios de comunicação e tecnologia preservem e distanciem a criança de conteúdos adultos, pois "[...] se as necessidades de comunicação de uma cultura não exigem a segregação prolongada dos jovens, então a infância continua muda." (POSTMAN, 1999, p. 158-159).

As crianças, atualmente, encontram-se imersas num contexto social, no qual, as tecnologias digitais fazem parte do seu cotidiano, estando presentes em diversos ambientes, tanto em casa, quanto na escola, nas áreas de lazer, nos jogos virtuais com os amigos e nas redes sociais. Em qualquer local, é quase certo que estará presente algum artefato de tecnologia digital.

Nesse contexto, as mensagens passadas pelas mídias digitais ajudam a disseminar os padrões impostos pela Indústria Cultural, padrões esses que estão relacionados à conquista de felicidade e sucesso. Para alguns teóricos críticos, como Adorno (1985), a nova era da tecnologia não significa uma era de felicidade e libertação daqueles que sofrem, como por ela prometido, assim como não configura uma nova era de igualdade. Ao pensarmos de maneira mais cautelosa e para alguns até mesmo pessimista, as novas tecnologias, aqui neste artigo trazidas como as tecnologias digitais, podem, seguindo a direção contrária do que prometem, trazer novos conflitos e novas fontes de sofrimento.

Assim, pensando em brechas para superar esse processo de semiformação, impulsionado pela indústria cultural e inspirada nas obras de Adorno (1985; 2003) é importante pensar nas possibilidades de uma educação emancipatória, que produza novos conceitos por meio de experiências, questionando as relações de poder presentes na nossa sociedade, elaborando o passado de forma a não o esquecer, para que alguns dos horrores (barbárie) cometidos anteriormente não se repitam.

Em *Educação e Emancipação* (2003), Adorno fala sobre como o passado deve ser elaborado. Zuin (2013) comenta sobre essa expressão utilizada por Adorno.

Quando Adorno optou pela expressão "elaborar o passado", não se tratou de uma escolha feita ao acaso. Elaborar o passado não significa simplesmente lembrar seus acontecimentos de forma tecnicamente livresca. Elaborar o passado implica a relevância de rememorar o que aconteceu, de tal modo que o indivíduo do presente se sinta estimulado a esclarecê-lo e, assim, a projetar outro futuro. É por isso que a formação cultural, como contraponto ao atual processo semiformativo hegemônico, só pode ser adquirida mediante o interesse do indivíduo, e não pela mera frequência a determinados cursos nas escolas. Foi por meio dessa premissa que Adorno definiu a formação cultural como correspondente. (ZUIN, 2013, p. 155).

Podemos então dizer que a elaboração do passado é um processo importante para resistirmos ao processo de semiformação. Isso acontece quando os sujeitos têm possibilidades de se aprofundarem nos conteúdos, estabelecer relações entre eles, compreender o contexto em que ocorreram e elaborar novos conceitos de forma crítica. Assim, para a formação cultural se realizar, se faz necessário o fortalecimento de uma relação melhor com o tempo e consolidação da memória.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conceitos se transformam de acordo com cada momento histórico e nesse trabalho tratamos de alguns dos impactos que a sociedade contemporânea exerce sobre a categoria social Infância. Ao contextualizar essa discussão tendo Postman (1999) e sua obra "O desaparecimento da Infância" como principal fundamentação, foi possível alcançar o objetivo geral deste trabalho, pois ao trazer para o debate o "desaparecimento da infância", o autor nos ajudou a construir a contextualização histórica de como o conceito de infância foi se transformando ao longo dos anos, e continua se modificando até hoje.

Além disso, foi possível perceber que o desenvolvimento das tecnologias digitais vai além de transformar apenas fatores das ciências exatas e técnicas, pois interfere em diferentes aspectos das relações humanas, trazendo reflexões sociais, filosóficas e pedagógicas. Por conta dos impactos das tecnologias digitais na infância,



torna-se urgente e necessária a ação de um professor que encoraje a curiosidade, o questionamento, a elaboração, o interesse e, principalmente, uma reflexão crítica nas atividades a serem propostas nas escolas.

Partindo das contribuições teórico-críticas procuramos compreender a força e a potência que as tecnologias digitais possuem diante do ser humano, em especial as crianças. Não podemos negligenciar este momento histórico em que vivemos e deixar de refletir sobre os impactos da influência que as mídias digitais exercem sobre a infância. Se faz importante entender o contexto atual social e não compreender a infância como um conceito imutável, mas como um sentimento construído historicamente que está suscetível a transformações, para que seja possível trazer estratégias de ações para lidar melhor com as mudanças que estamos vivendo. As crianças, muitas vezes adultizadas pelas tecnologias digitais, perdem uma das características mais importante para o processo de formação: a curiosidade. Afinal, precisamos de curiosidade para nos impulsionar a explorar e questionar o mundo à nossa volta.

Deste modo, a ideia de infância, não como uma característica biológica, mas categoria social que configura um tempo de direitos e cuidados específicos para essa fase da vida, está desaparecendo, tal como anunciado por Postman (1999), uma vez que as tecnologias digitais estão contribuindo para tornar a infância algo sem propósito.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. 3. ed. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor W. Teoria da semiformação. Tradução de Newton Ramos-de-Oliveira. In: PUCCI, B.; ZUIN, A. A. S.; LASTÓRIA, L. A. C. B. (orgs.). **Teoria crítica**

**e inconformismo:** novas perspectivas de pesquisa. Campinas: Autores Associados, 2010.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família.** Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

BRASIL. Ministério da Comunicações. Gabinete do Ministro. **A Portaria nº 310, de 27 de junho de 2006.** Brasília, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Brasília, 2010. Disponível em: [http://www.uac.ufscar.br/documentos-1/diretrizescurriculares\\_2012.pdf](http://www.uac.ufscar.br/documentos-1/diretrizescurriculares_2012.pdf). Acesso em: 15 mar. 2021.

CARDOSO, Danielle Regina do Amaral. **Indústria cultural e infância:** uma análise da relação entre as propagandas midiáticas, o consumo e o processo formativo das crianças. 2011. Dissertação (Mestre em Educação Escolar) – Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2011. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/88615/cardoso\\_dra\\_me\\_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/88615/cardoso_dra_me_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 20 nov. 2020.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2002. Disponível em: <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2012-1/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf>. Acesso em: 15 de nov. 2020.

FROTA, Ana Maria Monte Coelho. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 7, n. 1, p. 144-157, 2007. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1808-42812007000100013](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1808-42812007000100013). Acesso em: 03 de mar. 2021.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da Infância.** Tradução de Suzana Menescal de A. Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1999.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da infância: correntes e confluências. *In*: SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (orgs.). **Estudos da infância:** educação e práticas sociais. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 17-39.

STEINER, George. **Lições dos mestres.** Rio de Janeiro: Record, 2005.



ZUIN, Antônio. Copiar, colar e deletar: a Internet e a atualidade da semiformação.

**Pro-Posições [online]**, 2013. Disponível em:

<https://www.scielo.br/pdf/pp/v24n3/09.pdf> Acesso em: 15 jan. 2021.

ZUIN, Antônio; ZUIN Vânia. Memória, internet e aprendizagem turbo. **Currículo sem fronteiras**, 2011. Disponível em:

<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol11iss2articles/zuin-zuin.pdf> Acesso em: 15 jan. 2021.

Recebido julho 2021.

Aprovado julho 2023.